

» Lyotard e Freud: Criança e infância como “afeto”

A figura teórica da infância é particularmente forte na última obra de Jean-François Lyotard: *Leituras de infância*, publicada em 1991. No entanto, esta figura já estava presente no irônico título *O pós-moderno explicado para crianças: Correspondência 1982-1985* (Lyotard, 1986/1992). Nesta obra, os ensaios são endereçados como cartas aos filhos de vários interlocutores da filosofia de Lyotard sobre o “pós-moderno”, inclusive seu próprio filho e seus netos. De acordo com minha leitura, parece não ser acidental o fato de o título da quarta edição ter sido alterado para apenas *O pós-moderno explicado [The postmodern explained]*; alguém que não conheça Lyotard e esteja à procura de um “pós-moderno para leigos”¹, como a referência a crianças *poderia* sugerir, ficará extremamente decepcionado, para não dizer confuso. Incluo aqui este ponto porque é importante enfatizar a diferença entre a noção empírica-biológica da infância e aquela percebida por Lyotard. Enquanto a

primeira visão entende a infância como o tempo não sofisticado e “imaturado” anterior à maturidade e à “completude” do adulto, Lyotard vê a infância como “o sentido transcendental de um antes radical” (Bennington, 2007, p. 200). Este “antes” apresenta, claro, a marca da frase-afeto² de Freud, mas Lyotard explica esta noção com seus próprios termos, distante da descrição clínica de infância (e sexualidade) de Freud. Lyotard (1989/1993) propõe na seguinte passagem esta definição da noção de infância como um “antes” radicalizado:

Por *infância*, não me refiro, como proposto pelos racionalistas, a uma idade privada de razão. Refiro-me à condição de uma pessoa ser afetada em um período em que ela não tem os meios – linguísticos e representacionais – para nomear, identificar, reproduzir e reconhecer o que a está afetando. Por *infância*, refiro-me ao fato de que nascemos antes de nascermos para nós mesmos. Por-

tanto, nascemos de outros, mas também para outros, entregues indefesos às mãos de outros. (p. 149)

A infância, neste sentido, é um “estado”; um estado de nascer em um ambiente, cultura e modo de vida que é constitutivamente desconhecido e irreconhecível para a criança “não formada”, nem informada – já que ela chegou “tarde demais”. Criança, continua Lyotard, implica um estado de *infância* do qual e pelo qual, necessariamente se fala a partir da linguagem e das ações de outros “antes” do domínio da articulação e do conhecimento serem adquiridos por conta própria, via entrada na idade adulta. Aqui a criança “nasce mais tarde, com linguagem, precisamente ao deixar a infância” (Lyotard, citado em Smeyers e Masschelein, 2000, p. 151). Em um *insight* – e provocação – à ideia de Kant sobre a aquisição de conhecimento e sua relação com maturidade, Lyotard (1989/1993) faz referência a *Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”*. Segundo Lyotard, Kant define o iluminismo como a vinda à tona da humanidade de sua auto-imposta imaturidade. E, citando Kant, continua: “Se a infância persiste após a infância, é por preguiça e covardia [...] é tão fácil ser imaturo” (p. 151)³. A jogada estratégica de Lyotard ao endereçar suas cartas a crianças em *O pós-moderno explicado para crianças* (1986/1992), no entanto, difere dessa noção de infância como, de certa forma, inferior à idade adulta e, ao contrário, aponta para uma visão da infância como sendo o espaço privilegiado de despreparo, suscetibilidade e abertura “antes” do (I)luminismo. Para chegar a este ponto, no entanto, Lyotard elabora, em *O inumano* (1991a), a respeito das qualidades da infância que podem permanecer na idade adulta. Ele pergunta:

Que poderemos chamar de humano no homem? A miséria inicial da sua infância ou a sua capacidade de adquirir uma “segunda” natureza

que, graças à língua, o torna apto a partilhar da vida comum, da consciência e da razão adultas? Num ponto estamos todos de acordo: esta última assenta e suporta a primeira. A questão é apenas saber se esta dialética, seja qual for o nome com que a enfeitemos, não deixa vestígios. (p. 3)⁴

Aqui, a criança é vista como necessitando ser *salva* de seu *status* de imaturidade e falta de desenvolvimento, ser iniciada na vida do adulto que é dotado de linguagem, de conhecimento e de certeza. Entretanto, Lyotard questiona se algum traço da infância não perdura na vida adulta: “Ao nascermos criança, nossa tarefa seria de obter posse completa de nós mesmos”, uma posse que ocorre apenas no terreno da vida adulta (Lyotard, 1989/1993, p. 148). Sua preocupação, no entanto, é saber se essa maturação adulta final e total pode ser realmente vista como completa. Não poderia haver traços de infância deixados para “trás” na vida adulta? Lyotard lida com esta questão ao investigar e destrinchar o “antes” que sinaliza a infância (ou, em termos lyotardianos, que é o *signal* da infância) como o espaço *antes* do pensamento ser consciente; antes da experiência ser revisitada como tal; antes da vida adulta substituir a inocência. Lyotard critica a noção de que o desenvolvimento adulto com aquisição de conhecimento e sofisticação requer certo nível de “esquecimento” e ignorância de uma potencial abertura e suscetibilidade da infância. Tal esquecimento da infância, Lyotard continua criticando, é enquadrado em um discurso de *libertação* de um estado de incompletude e incerteza para se alcançar um estado mais estável de domínio e controle. É isto, avisa Lyotard, é o que a doutrina ocidental do Humanismo e seu correlativo princípio iluminista de emancipação parecem sinalizar; como demonstram os comentários de Kant sobre infância como “imaturidade”. Aqui,

*Professora titular na School of Critical Studies in Education at the University of Auckland.

1. A onipresente série norte-americana *para leigos* surgiu para explicar a Microsoft, mas se expandiu para qualquer área da existência humana, como *Cozinha básica para leigos*, *Jardinagem básica para leigos*, *Dança*, etc. Seus livros têm a intenção de oferecer instruções simplificadas e claras sobre como “fazer” algo. De acordo com a Wikipédia, a série contém cerca de 1700 títulos; parece que precisamos de instruções para muitas coisas (ou talvez haja muitos leigos por aí).

2. É importante notar que o termo *frase-afeto* é uma apropriação de Lyotard do pensamento de Freud e, como explicado neste artigo, é uma das várias iterações que Lyotard emprega para falar da dimensão inarticulada, escorregadia e não capturável do *ser*. Também é importante notar que Lyotard apela a um conjunto de diferentes formas de se falar desse “antes” radical do afeto; na obra em questão, ele utiliza a figura da criança e, especificamente, da “infância”. Há muitas referências a crianças e infância neste regime de pensamento. Por exemplo, o título completo da primeira edição do livro de Lyotard *O pós-moderno explicado* (1986/1992), continha um explicativo adicional “para crianças” (*Le postmoderne expliqué aux enfants*). Também é importante a relação que Lyotard propõe entre *infância* e seu pensamento sobre o *inumano*.

3. A severidade da recriminação da infantilidade por parte de Kant (tido como o maior dos moralistas) pode ser vista como em acordo com sua extrema impaciência em relação à música das ruas e os sinos da igreja à sua janela – ele reclamava que estes sons distraíam e interrompiam sua escrita e sua concentração.

4. N. do T.: Tradução de A. C. Seabra e E. Alexandre. A tradução desta citação corresponde à p. 11 de: Lyotard, J.-F. (1997) *O inumano: Considerações sobre o tempo* (A. C. Seabra e E. Alexandre, trad.). Lisboa: Estampa. (Trabalho original publicado em 1988).

a emancipação consiste em estabelecer-se na posse completa de conhecimento, vontade e sentimento; em obter a regra do conhecimento, a regra da vontade e a regra do controle emocional. Os emancipados são pessoas ou coisas que não devem nada a ninguém além de si mesmos: livres de quaisquer débitos para com o outro. (p. 150)⁵

A infância desafia, no entanto, as certezas e suposições envolvidas na ideia de libertação, e é aqui que Lyotard insiste no reconhecimento da ilusão de certeza oferecida pelo discurso da emancipação. O exemplo clássico da regra humanística de emancipação é, obviamente, a educação. Em relação a Freud, as noções de Lyotard de criança e infância pertencem ao terreno do inarticulado e inapresentável como um “estado de carência” (p. 152), e é desta “carência” que a emancipação pretende escapar: “o sonho de ter lidado com a minha carência, com aquilo de que eu careço, com o que me fez carecer, o que me fez ter carência” (p. 152.). Em educação, é esta carência que guia a necessidade de crianças serem iniciadas no mundo adulto do conhecimento como uma condição imprescindível de sua infância:

Que devemos educar as crianças – relembra Lyotard (1991a) – é uma circunstância resultante apenas do facto de elas não serem todas pura e simplesmente conduzidas pela natureza, de não estarem programadas. As instituições que constituem a cultura preenchem esta falta natural. (p. 3)⁶

Infância é também, no entanto, a falta que oferece a narrativa da história seu ímpeto em direção a uma futura “emancipação” e completude que está sempre no futuro e que nunca pode ser atingida. Não é, no entanto, o propósito deste artigo explorar essa avenida. Mas o que eu quero colher desta análise da criança é a apresentação da infância como uma existência em falta: de articulação, conhecimento e maturação.

Lyotard usa estas qualidades para descrever a *figura* de infância que habita nossas explorações “adultas” (e, como veremos, o pensamento e a arte).

Finalmente, voltando ao Freud de Lyotard, a *frase-afeto* como o evento absoluto do “primeiro golpe” de *Nachtträglichkeit* se torna o momento da infância que excede rótulos biológicos de maturação para atingir o estado geral de “incapacidade”. O primeiro golpe ou choque precede significação (ele simplesmente acontece) e, como tal, é o momento de “pré-maturação” (Lyotard, 1988/1990, p. 17) no aparato psíquico: a “infância” da frase como um afeto “antes” que articulação e significado possam ser atribuídos. Segundo Tomiche (1991), isto é “uma hipótese [retirada de Freud] baseada na noção de pré-maturação do aparato psíquico e elaborada em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e *Sobre o narcisismo: Uma introdução*” (p. 59). Esta é, para Lyotard, a infância da frase-afeto, uma infância “que não seria um período do ciclo da vida, mas uma incapacidade de representar e ligar alguma coisa” (Lyotard, 1988/1990, p. 17); uma infância que é inerente ao pensamento como aquilo que excede o pensamento como um evento. “Isto – defende Lyotard (1988/1990) – é a não-firmeza constitutiva da alma, sua infância e sua miséria” (p. 17). Ademais, infância como afeto é “impossível” de ser detectada, mas isto não previne a necessidade de *tentar* achá-la, *tentar* lembrá-la, *tentar* “testemunhá-la”. Primeira infância e infância como traços de uma indeterminação, para Lyotard, apresentam-nos um débito que nunca pode ser finalizado ou resolvido. Lyotard (1997/1999) enfatiza que é possível, no entanto, “insistir em uma atitude de pensamento e vida que tenta dar ouvidos à coisa, apesar de ela ser inaudível, já que o ouvido não está em condições de ouvi-la por, de certa forma, não haver nada a ser ouvido” (p. 4).

REFERÊNCIAS

- Bennington, G. (2000). The same, even, itself... *Parallax*, 6(4), 88-98.
- Bennington, G. (2007). Childish things. Em C. Nouvet, Z. Stahuljak e K. Still (ed.), *Minima memoria: In the wake of Jean-François Lyotard* (pp. 197-218). California: Stanford University Press.
- Lyotard, J.-F. (1990). *Heidegger and “the jews”* (A. Michel e M. S. Roberts, trad.). Minneapolis: University of Minnesota Press. (Trabalho original publicado em 1988).
- Lyotard, J.-F. (1991a). Introduction: About the human. Em G. Bennington e R. Bowlby (trad.), *The inhuman: Reflections on time* (pp. 1-7). Stanford: Stanford University Press.
- Lyotard, J.-F. (1991b). *Lectures d'enfance*. Paris: Galiléé.
- Lyotard, J.-F. (1992). *The postmodern explained to children: Correspondence 1982-1985*. Sydney: Power Publications. (Trabalho original publicado em 1986).
- Lyotard, J.-F. (1993). The grip (*Mainmise*). Em B. Readings e K. P. Geiman (trad.), *Political writings: Jean-François Lyotard* (pp. 148-158). Minneapolis: University of Minnesota Press. (Trabalho original publicado em 1989).
- Lyotard, J.-F. (1998). A few words to sing. Em A. Krims (ed.), *Music/Ideology: Resisting the aesthetic* (pp. 15-36). Amsterdam: G+B Arts International.
- Lyotard, J.-F. (1999). Freud, energy and chance: A conversation with Jean-François Lyotard. *Teknema: Journal of Philosophy and Technology*, 5, 15. Disponível em: <http://teknema.free.fr/5Beardsworth.html> (Trabalho original publicado em 1997).
- Lyotard, J.-F. (2002). Emma: Between philosophy and psychoanalysis. Em H. J. Silverman (ed.), *Lyotard: Philosophy, politics, and the sublime* (vol. 8, pp. 23-48). Nova Iorque: Routledge. (Trabalho original publicado em 1989).
- Nouvet, C. (2007). The inarticulate affect: Lyotard and psychoanalytic testimony. Em C. Nouvet, Z. Stahuljak e K. Still (ed.), *Minima memoria: Essays in the wake of Jean-François Lyotard* (pp. 106-122). Stanford: Stanford University Press. (Trabalho original publicado em 2003).
- Smeyers, P. e Masschelein, J. (2000). L'enfance, education, and the politics of meaning. Em P. A. Dhillon e P. Standish (ed.), *Lyotard: Just education* (pp. 140-156). Londres: Routledge.
- Tomiche, A. (1991). Lyotard's Freud. *L'Esprit Créateur*, 31(1), 48-61.
- Tomiche, A. (1994). Review: Rephrasing the Freudian unconscious: Lyotard's affect-phrase. *Diacritics*, 24(1), 42-62.

5. N. do T.: Esta e as citações a seguir são de tradução livre a não ser que se especifique o contrário.

6. N. do T.: Tradução de A. C. Seabra e E. Alexandre. A tradução desta citação corresponde à p. 11 de: Lyotard, J.-F. (1997) *O inumano: Considerações sobre o tempo* (A. C. Seabra e E. Alexandre, trad.). Lisboa: Estampa. (Trabalho original publicado em 1988).